

Em cada uma das áreas, um projeto foi premiado com o valor de R\$



1.000,00 (hum mil reais), oferecidos pelo Banco Santander. Nos projetos em painéis, os trabalhos classificados em segundo lugar receberam o KIT PROEX, composto por mochila, camiseta, livros.

Para conhecer

os trabalhos premiados, acesse a página:

<http://www.unesp.br/proex/congressos/4congresso/4congresso.php>

Atividades Culturais

Os presentes no 4º Congresso de Extensão Universitária



participaram e assistiram, além das atividades acadêmicas, a eventos culturais. Na cerimônia de abertura, o grupo de samba Demônios da Garoa tocou canções de seu repertório e outros sucessos populares. O show teve o apoio da VUNESP (Fundação para o

Vestibular da UNESP).

3. MÚSICA, TEATRO E DANÇA EXALTAM A PAZ

Reynuncio Napoleão de Lima

O Programa de Atividades Culturais da PROEX dedicou especial atenção ao 4º Congresso de Extensão Universitária da UNESP para configurar um amplo painel do tema oportuno que a Universidade discute: a violência que se alastra no país e no mundo. O procurou lançar uma luz nova, ainda que tênue, sobre esse terror obscuro e irracional que nos inquieta continuamente.

Palestras, mesas redondas e eventos artísticos articularam-se para provocar novas consciências e reativar mentes cansadas, adormecidas ou acovardadas, apontando com o dedo as fraturas já reiteradamente expostas: a desigualdade social, o desrespeito aos direitos humanos, a fome, a miséria, o desemprego, o analfabetismo, o individualismo dos privilegiados, o enriquecimento à custa do trabalho dos outros, a neurose do lucro, a dominação econômica, política e cultural.

Desta feita, neste 4º Congresso, a inquietação dos participantes mostra-se objetiva e corajosa em busca de soluções que primeiro desvendem as contradições básicas, sóciopolíticas e econômicas de nosso país periférico no jogo feroz e enganoso da globalização. Tolices são ditas (e logo ignoradas) no jogo democrático.

Aos jovens congressistas é dada a possibilidade de visualizar esse ambiente sombrio de mentiras, subornos, corrupção, drogas, execuções, atentados e prepotência; e de perceber a necessidade imperiosa de se “tomar armas contra esse mar de aborrecimentos”, abandonar a apatia e se engajar nos confrontos que nos levarão a uma cultura de paz, de respeito à alteridade, às diferenças. “There is still time, brother!”

Nessa perspectiva, a Coordenação do Programa de Atividades



Culturais - PAC programou a inserção de eventos artísticos que, de súbito, acontecem no meio de *coffee breaks* e intervalos, entre palestras e comunicações reveladoras de um compromisso ético com a superação das

mazelas do país.

É assim que um modesto conjunto de músicos invade o salão de almoço, tocando *A banda*, de Chico Buarque, evocando momentos de devaneio, lirismo e arte que se alternam com os de dor, solidão e violência, em busca daquele delicado equilíbrio possam persistir na construção efetiva da paz social. E o jovem da clarineta convida a todos para cantar com seu grupo





sucessos populares dos anos de 1960 que denunciaram mentiras seculares de dominação. Avisaram que “o dia da igualdade está chegando,” seu “doutor” e “a dor do nosso tempo é o caminho para o amanhã que em teus olhos se anuncia,

apesar de tanta sombra, apesar de tanto medo”.

No fim de tarde, vozes muito jovens somam-se a outras, mais roucas e cansadas, louvando a mesma esperança de justiça que vitalizou aqueles outros moços sonhadores, agora grisalhos e emocionados.



Na noite de abertura, o tom solene das falas é sucedido por sons de teclados, violões, tambores e vozes diabolicamente afinadas. Exemplos



históricos da MPB fazem vibrar os corpos, primeiro timidamente, alguns cantarolam baixinho sem sair do lugar; duas funcionárias, talentos de samba no pé, extrovertem-se em gingas graciosas. Este coordenador,

desajeitado, mas não “travado”, incita-as e aos alunos a evoluírem no espaço entre platéia e palco. Neste, o brilho e a animação dos abençoados *Demônios da Garoa*. Vivos e mortos são homenageados: Chico e Noel, Pixinguinha e

Caetano, Adoniram e Gil, Tom e Martinho, Cartola e Paulinho, Vinícius e Nelson Cavaquinho, Gonzagão e Gonzaguinha etc, etc, etc.... “Eu sei que a vida teria que ser bem melhor; e será. Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita e é bonita...”.

Uma euforia contagiante sacoleja moços e menos moços por mais de 80 minutos de puro entusiasmo. Indescrevível, demoníaco! Garoa da boa...Paulista...

Dia seguinte, *coffee break* vespertino. Três jovens atrizes invadem o



ambiente, vociferando versos satânicos do gênio *Baudelaire*, expressão maior da crise existencial do século XIX, das violências do progresso acelerado/celerado, avanço tecnológico, novas máquinas da industrialização e dos transportes, metrópoles

entupidas de gente e lixo, derrocada de hipocrisias e valores apodrecidos, desconcertante confusão espiritual, intelectual e filosófica, mundo caótico em transformação, barulhento, enlouquecido, das “fés perdidas”. Satanismo e arte reagem à violência dos tempos.

Dia seguinte, antes do almoço, um violonista, uma flautista e um pandeirista brindam os congressistas com chorinhos imortais que são



retomados à tarde: um suave encontro de vozes hesitantes e instrumentos bem tocados. São bolsistas da PROEX que dão testemunhos de sua dedicação aos estudos e à comunidade ali presente.

Um mestre de violão dá uma “palhinha” com categoria de duas décadas de profissão...

Eis que na manhã de quarta-feira, o *coffee break* é interrompido por



um rapazinho estranho que desveste seu roupão e mostra-se de calção de banho, sobre um cubo de raia de uma piscina imaginária. É um nadador que narra passagens de sua vida e braceja, braceja....Relembra seus esforços, afogamentos, humilhações para tornar-se

um vitorioso por pressão de um pai que o espanca. Em cena, a violência doméstica em nome do sucesso esportivo.

À tarde, o espaço do lanche é agitado por personagens emblemáticos que circulam entre mesas, corredores e convivas. Encena-se “O espelho”, tentativa de se compreender o mistério da própria identidade, da alteridade, da dialética violenta que rege a competição entre bípedes, ditos humanos. A aspiração por uma convivência sem agressões se expressa em imagens simbólicas, poéticas, patéticas, grotescas do cotidiano.

Por fim, na manhã de quinta-feira, uma moça, um rio claro de orientações delicadas, sugere passos de danças coletivas e circulares a congressistas de todas as idades. Eles evoluem graciosos, habilidosos, trôpegos, desengonçados, patéticos e ridículos. E, por isso mesmo, belos e generosos, pelo espetáculo que oferecem para deleite dos glutões do *coffee break*.



Encerram-se assim as inserções culturais do Congresso que reforçam, com os pés no chão e a visão clara e realista, a resistência aos abusos e a esperança de paz que desde já constroem o futuro.